

Ivolino de Vasconcellos e a Revista Brasileira de História da Medicina: um estudo de caso sobre a historiografia da medicina no Brasil (1949-1970)

Mauro Amoroso

Introdução

O presente artigo resulta de minha pesquisa sobre o Instituto Brasileiro de História da Medicina e seu fundador e idealizador, o médico Ivolino de Vasconcellos. O Instituto foi fundado em 30 de novembro de 1945, e se tornaria sede da Federação Nacional de História da Medicina e Ciências Afins, sendo o período de sua fundação caracterizado, no Brasil, por uma História da Ciência em fase de consolidação, ainda praticada, majoritariamente, por cientistas interessados em estudar o surgimento de suas respectivas áreas. Em 1949, o Instituto lançaria a Revista Brasileira de História da Medicina, com o objetivo de impulsionar a produção na área da História da Medicina, além de produzir registros históricos sobre o Instituto e a Federação. A Revista Brasileira de História da Medicina constitui-se na principal fonte de minha pesquisa, encontrando-se seus artigos indexados em planilhas específicas inseridas na Bibliografia Brasileira de História da Ciência (BBHC), e sua análise quantitativa e qualitativa permite o vislumbramento de uma caracterização da produção historiográfica de Ivolino de Vasconcellos e dos membros da Federação Nacional de História da Medicina e Ciências Afins.

O presente artigo objetiva caracterizar e debater a conceituação de História da Medicina para os membros do Instituto Brasileiro de História da Medicina, principalmente Ivolino de Vasconcellos, e da Federação, bem como analisar o caráter e a repercussão desse movimento e de suas realizações, a fim de situá-lo, levantando, também, questões relativas a seu alcance e importância, no campo da História da Ciência no Brasil.

O projeto no qual minha pesquisa se insere, “As ciências e sua história: uma análise bibliográfica”, coordenado por Alfredo Tiomno Tolmasquim, visa mapear e conceituar a História da Ciência no Brasil, através, principalmente, do levantamento e análise de sua produção bibliográfica. Através de tal levantamento está sendo construída a Bibliografia Brasileira de História da Ciência (BBHC)ⁱ, que se constituirá em importante instrumento para divulgação, difusão internacional e consolidação da produção bibliográfica brasileira no campo da História da Ciência. A divulgação internacional da produção bibliográfica brasileira no campo da História da Ciência se deverá ao fato da construção da BBHC fazer parte de um projeto de produção de redes supra-nacionais de informação em história da ciência e tecnologia, que visa a constituição de uma base internacional denominada *International Bibliographical Database n History of Science, Technology and Medicine*, coordenada pela *Commision on Bibliography and Documentation* da *International Union of History and Philosophy of Science*.

História da Ciência no Brasil

As primeiras produções envolvendo História da Ciência elaboradas no Brasil datam do século XIX, e pode-se perceber que tal atividade era complementar ao trabalho científico, e abordava, basicamente biografias, relatos de instituições e/ou eventos científicosⁱⁱ. Exemplificando tais produções temos: Ladislau Neto, *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional* (1870), Louis Couty, *O ensino superior no Brasil*, *Gazeta Médica da Bahia* (1884) e A. Goeldi, *Algumas notícias sobre a vida de Alexandre Rodrigues Ferreira*, *Revista da sociedade de Estudos Paraenses*, t. 1, fasc. III (1894), dentre outros.

No início do século XX, oito anos antes da fundação do Instituto Brasileiro de História da Medicina, deu-se a primeira tentativa de organização institucional da História da Ciência no Brasil, com a fundação da Academia Brasileira de História da Ciência (1937), formada por cientistas, e com pretensões de inserção da História da Ciência

produzida no Brasil em um âmbito internacional, graças à sua ligação com a Academie International d'Histoire dês Sciences. Já aquele que é considerado o marco da historiografia da ciência no Brasil se deu em 1955, com o lançamento da coletânea de artigos, elaborados por cientistas contando a história de suas áreas, organizados por Fernando de Azevedo, *As ciências no Brasil*. Algumas cátedras em História da Ciência começaram a surgir em algumas universidades já na década de 60.

Na década de 70 a institucionalização da História da Ciência no Brasil deu-se a partir de um novo pólo impulsionador, devido à criação de institutos e centros de pesquisa e ensino. Tal institucionalização sofreu os ecos do processo de influência interdisciplinar, mostrado por A. M. Alfonso-Goldfarb, vivido pela História da Ciência, durante as décadas de 50 e 60, principalmente, que a aproximou das principais questões teórico-metodológicas pertinentes a outras áreas, como a Sociologia, a Antropologia, e a própria Históriaⁱⁱⁱ.

Eis alguns marcos da institucionalização recente da História da Ciência no Brasil: criação do Núcleo de História da Ciência e da Tecnologia da USP, juntamente com curso de pós-graduação em História da Ciência como linha de pesquisa no departamento de história (1973), criação do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP (1974), criação do Museu de Astronomia e Ciências afins (1985), criação da Casa de Oswaldo Cruz, vinculada à Fundação Oswaldo Cruz (1986), Criação do Centro Simão Mathias de estudos em História da Ciência da PUC-SP (1994), e do seu curso de pós-graduação (1999), criação do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História da Ciência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996). Em 1983 foi criada a Sociedade Brasileira de História da Ciência, inicialmente com seu núcleo na USP, e a partir de 1986 tiveram início a realização de congressos nacionais a cada dois anos. Outra repercussão dessa maior institucionalização da História da Ciência foi o aparecimento de periódicos específicos, como *Cadernos de História da Ciência e Filosofia da Ciência* (1980), *Revista*

da Sociedade Brasileira de História da Ciência (1985), *Perspicillum* (1987), *Manguinhos; História, Ciências, saúde* (1994) e *Episteme* (1996).

Porém, a partir do quadro acima descrito, correspondente ao retrato mais difundido do desenvolvimento, ao longo do século XX, do campo da História da Ciência no Brasil, correlações relativas ao estudo do caso específico do IBHM podem ser abordadas. A primeira delas diz respeito à real importância da produção veiculada pela Revista Brasileira de História da Medicina, com ampla e ininterrupta circulação durante 15 anos, a partir de 1949, portanto, cerca de 6 anos anterior à obra considerada o marco bibliográfico inicial da História da Ciência no Brasil. A Revista sempre veiculou uma vasta produção em História da Medicina, além de divulgar reuniões, solenidades, palestras realizadas pelo IBHM, e/ou outros Institutos da Federação, tendo como temática, geralmente, nomes e fatos marcantes da História da Medicina no Brasil. Desse modo, a criação do Instituto Brasileiro de História da Medicina, em data relativamente próxima à fundação da Academia Brasileira de História da Ciência, e a produção veiculada pelo periódico de sua responsabilidade, além de outras realizações institucionais a serem abordadas ao longo do artigo, não o colocariam em um patamar de pioneirismo no campo da História da Ciência no Brasil, mesmo que seja de uma ciência específica, a medicina?

A concepção de História da Medicina de Ivolino de Vasconcellos e do IBHM

Antes de aprofundarmos a caracterização da ciência médica pela abordagem histórica de Ivolino de Vasconcellos e do IBHM, contudo, será traçado um breve quadro da produção científico-histórica presente na Revista. Ao longo de seus 14 anos de existência, além da edição especial relativa ao biênio 1969/70, a Revista Brasileira de História da Medicina publicou 103 artigos relativos ao tema da História da Medicina. Esses artigos tiveram sua gênese, em grande parte, nas palestras e debates temáticos das seções regularmente mensais do IBHM, realizadas, em sua maioria, no salão nobre da Policlínica do Rio de Janeiro. A periodicidade da Revista variou ao longo dos anos,

começando ela como uma publicação trimestral, e assim permanecendo até julho de 1956, quando tornou-se uma publicação mensal, assim permanecendo até 1958. Em 1959, a Revista circulou com periodicidade bimestral, e assim circularia, com pequenas variações, até o ano de 1963, lançando, posteriormente, uma única edição relativa ao biênio 1969/70. A Revista era enviada a assinantes e instituições científicas e culturais com as quais mantinha permuta, estando sua manutenção financeira a cargo dessas assinaturas e da negociação de seu espaço para publicidade de laboratórios farmacêuticos^{iv}.

Essa produção foi marcada por uma forte veia biográfica, verificada em 48% dos 103 artigos analisados, além de assuntos relativos às ciências médicas em geral. Desses biografados, observa-se o predomínio de brasileiros, 67% dos biografados, seguidos de europeus e, em menor percentagem, de cientistas da América Latina. Nota-se, também, amplo predomínio de médicos brasileiros estudados ao longo dos séculos XIX e XX.

Com relação à autoria dos artigos da Revista observa-se a predominância de artigos de Ivolino de Vasconcellos publicados, com uma margem de 53 artigos, ou seja, 52% do total publicado, o que resulta em uma produção individual considerável. O que confirma a Revista como um veículo de publicação do IBHM, principalmente Ivolino de Vasconcellos, é o fato da produção de Ivolino com os outros membros somadas chegarem a 77 artigos, ou 75% da produção total. A produção de Ivolino de Vasconcellos também é marcada por forte veia biográfica, privilegiando, sobretudo, médicos brasileiros dos séculos XIX e XX.

Para melhor analisarmos a concepção de História da Medicina, tem-se a seguinte passagem: "(...) a história é um duplo processo de narração e de interpretação. De narrar, que exige observação, minúcia, precisão e fidelidade. De interpretar, que pressupõe esse completo conhecimento objetivo e, à base dele, parte, então, para o conhecimento subjetivo, isto é, a interpretação profunda e casual, portanto, dos acontecimentos."^v.

Considerando a Ciência Histórica um processo de dupla face, uma narrativa e outra analítica, Ivolino de Vasconcellos possui uma concepção de narrativa semelhante à concepção de História objetiva e narrativa caracterizada por H. Kragh^{vi}. A semelhança se deve, sobretudo, a atributos legados ao processo narrativo, intrínseco ao fazer da História segundo Ivolino de Vasconcellos, como “minúcia”, “precisão” e “fidelidade”. Tais atributos acabam por relacionar a História à concepção de reconstrução fidedigna do passado abordada por Kragh. Porém, Ivolino de Vasconcellos vai além, pois condiciona a interpretação analítica ao conhecimento objetivo, hierarquizando-os de forma que este deva ocupar posição principal no fazer da História. Dessa forma, a construção do saber factual se tornaria condição *sine qua non* para a construção do saber da História, constituído-se a reflexão analítica no passo seguinte, e, por isso, em elemento que não determina, não guia a construção prática deste saber. Essa hierarquização revela-se ainda mais clara na passagem: “uma cabal e categorizada interpretação tem de apoiar-se na precisa e exata narrativa.”^{vii}.

Entretanto, tendo em vista a priorização de uma narrativa objetiva que se pretende totalmente fidedigna, cabe a pergunta: qual é a verdadeira função, assim como sua caracterização, da interpretação analítica perante a concepção de História de Ivolino de Vasconcellos e dos membros da Federação? A resposta para tal pergunta reside na função da Historiada Medicina perante a Ciência Médica, conforme concebida pelos membros desse movimento médico. Segundo Carl Schorske, um dos modos de “pensar com a História”: “Implica o emprego dos materiais do passado e das configurações em que os organizamos e compreendemos para nos orientar no presente. (...) implica portanto a utilização de elementos do passado na construção cultural do presente e do futuro.”^{viii}.

Uma das implicações dessa forma de “pensar com a História” é a utilização do passado histórico como forma de ordenar as ações do presente, tirando os ensinamentos

de acontecimentos vistos como chaves e os “grandes nomes” que deles participaram, a fim de melhor compreender o presente e orientar o futuro. Tal utilização da História como “mestra da vida”, assim como sua concepção linear-evolucionista, remete a uma certa tradição iluminista, e uma de suas manifestações é, justamente, o amplo emprego de biografias, como forma de fornecer exemplos éticos e orientação para o futuro. Essa concepção e utilização da História assemelha-se com a do IHGB, instituto do qual Ivolino de Vasconcellos chegou a fazer parte, em seus primórdios^x.

Essa utilização da História sempre esteve muito viva no IBHM, e visava claramente um “culto ao passado essencialmente vivo e dinâmico, buscando, nos seus feitos memoráveis e nos exemplos de suas grandes figuras, inspirações permanentes para o aperfeiçoamento e o progresso da Medicina e ciências correlatas”^x. Aliás, tal utilização da História da medicina está intrinsecamente ligada à concepção de Ivolino de Vasconcellos e da Federação da Ciência Médica. Nessa concepção, a medicina possui um forte elemento ético e humanista, do qual a História da Medicina possui essencial papel, sobretudo no que diz respeito à formação do profissional da área. Dentro desse contexto, pode ser destacada a constante luta de Ivolino de Vasconcellos pela criação da Cátedra de História da Medicina a ser incluída na grade curricular da Faculdade Nacional de Medicina, da qual foi livre-docente: “A História da Medicina constitui, em verdade, uma das vigas mestras do correto aprendizado científico desta magna ciência. Paraphraseando Cícero, que definiu “A História é a mestra da vida”, poderemos afirmar que a História da Medicina é a Mestra das Artes Sanitárias. (...). Qual a finalidade suprema dos estudos históricos, senão a aspiração em prol do contínuo aperfeiçoamento, e, nesse sentido, através da história das idéias e das grandes figuras que a ilustraram, pelo saber e pela ética, a consagração dos superiores modelos da deontologia médica?”^{xi}

A partir desse caso, observa-se uma concepção específica de ciência, no caso, a Medicina, onde esta encontra-se indissociada de sua História, sobretudo por

pressupostos éticos e humanísticos essenciais para a formação do cientista. Segundo Ana Maria Alfonso-Golafarb, a partir do pós-45 a História cresce em importância justamente por adquirir a função de humanização da ciência e do cientista^{xii}, e, conforme os indícios apontados, este é o caso justamente observado no estudo do IBHM^{xiii}. “Observe-se, agora, que essa concepção basilar que possuímos da Medicina, como Ciência, Profissão e Sacerdócio, resulta de uma conceituação fundamentalmente histórica. A História está na raiz da Ciência, no âmago da profissão e na gênese do Sacerdócio. A Medicina sem História – fugindo ao próprio passado e negando, portanto, as suas origens, seria a mais fantástica e inconcebível de todas as ficções (...)”

Notas

ⁱ A BBHC já se encontra liberada para consulta em <http://www.mast.br>

ⁱⁱ Os dados e proposições sobre História da Ciência no Brasil que serão expostos foram retirados de: TOLMASQUIM, Alfredo Tiomno, LINO, Lúcia Alves da S. & COSTA, Alexandre Magno da. “Building the Brazilian Bibliography of the History of Science”. *Nuncius: annali di storia della scienza*. Firenze, v.16, n. 2, 2001.

ⁱⁱⁱ ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *O que é História da Ciência*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.

^{iv} Nos últimos anos da Revista nota-se um considerável decréscimo desse tipo de propaganda, talvez em virtude do delicado momento financeiro pelo qual o país passava no início da década de 1960, que deve ter influenciado decisivamente para o encerramento da Revista. Infelizmente, por falta de fontes, não é possível a verificação concisa de hipóteses sobre a Revista e o IBHM, uma vez que os números da Revista são a única fonte para estudo existente de tal movimento.

^v Cf., VASCONCELLOS, Ivolino de. “Editorial: História da Medicina”. *Revista Brasileira de História da Medicina*, nº 3, v. 13, Rio de Janeiro, maio – junho de 1962. p. 85.

^{vi} Cf., KRAGH, Helge. *An Introduction to the Historiography of Science*. New York, Cambridge University Press, 1987.

^{vii} Cf., VASCONCELLOS, *op. cit.* p. 86.

^{viii} SCHORSKE, Carl. *Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000. p. 13-14.

^{ix} Cf., GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. *Estudos Históricos*, n. 1, 1988. Outras semelhanças entre IHGB e IBHM serão posteriormente abordadas.

^x *Revista Brasileira de História da Medicina*, n. 2, v. 3, Rio de Janeiro, abril/junho de 1952. p. 111.

^{xi} VASCONCELLOS, Ivolino de. “Editorial: proposta a criação da Cátedra de História da Medicina na Faculdade Nacional de Medicina – a íntegra da proposição e seus signatários”. *Revista Brasileira de História da Medicina*, n. 1, v. 5, Rio de Janeiro, jan./ maio de 1954. p. 107.

^{xii} GOLDFARB, *op. cit.*

^{xiii} VASCONCELLOS, Ivolino de. “Editorial: impõe-se no ensino médico a Cátedra de História da Medicina”. *Revista Brasileira de História da Medicina*, n. 1, v. 8, Rio de Janeiro, maio de 1957.